LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO DESENVOLVER A HABILIDADE DE COMPREENSÃO DE TEXTO

LUIZA PRATES DE OLIVEIRA

RESUMO

Nesta pesquisa, propomos uma análise minuciosa acerca do papel da leitura no fomento da alfabetização na Educação Infantil. Examina-se a maneira como a prática da leitura influencia positivamente o comportamento leitor e favorece o aprendizado da leitura e escrita em etapas subsequentes do ensino. O objetivo principal é o estudo de referências teóricas relevantes, bem como ressaltar a importância da leitura e narração de histórias no início da formação educacional, como fator crucial para o desenvolvimento integral da criança. Importante ressaltar a relevância deste estudo para a comunidade acadêmica e profissionais de educação que buscam refinar suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: letramento; educação infantil; literatura infantil.

ABSTRACT

In this research, we propose a thorough analysis of the role of reading in promoting literacy in Early Childhood Education. It examines how the practice of reading positively influences reading behavior and favors the learning of reading and writing in subsequent stages of teaching. The main objective is the study of relevant theoretical references, as well as highlighting the importance of reading and storytelling at the beginning of educational training, as a crucial factor for the integral development of the child. It is important to emphasize the relevance of this study for the academic community and education professionals who seek to refine their pedagogical practices.

Keywords: literacy; child education; children's literature

INTRODUÇÃO

A educação infantil é uma das fases mais importantes da vida das crianças, pois é nesse período que se define grande parte de seu futuro. Nesse sentido, a leitura e a contação de histórias têm um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo e

emocional dos pequenos. A habilidade de compreender textos é decisiva para o aprendizado ao longo de toda a vida escolar. Diante disso, realizamos uma pesquisa com o objetivo de entender como a leitura pode ser trabalhada de forma eficiente na educação infantil, de modo que as crianças desenvolvam habilidades de compreensão de texto de maneira lúdica e educativa. Nesta pesquisa, compartilharemos os principais achados de nossa pesquisa e algumas sugestões práticas para a aplicação desses conhecimentos em sala de aula. Vamos aqui conhecer mais sobre a leitura na educação infantil!

A linguagem é um dos pilares fundamentais na formação do ser humano. Desde os primeiros anos de vida, as crianças são expostas a diferentes formas de linguagem, tanto oral quanto escrita. Na Educação Infantil, é importante compreender como ocorre a formação da linguagem e como podemos trabalhar para desenvolver habilidades como leitura e interpretação de textos, baseado em autores como: Coll (1996), Ferreiro (1999), Kramer e Rocha (2011) e Vygotsky (1991)

Versaremos também sobre as principais características do Letramento e Alfabetização na Educação Infantil, da importância da literatura na Educação Infantil apoiado nos seguintes autores: Ferreiro (1985), Lerner (2002), Soares (1998), Vygotsky (1984) e Zilberman (1981), Bettelheim (2002), Costa (2007), Lajolo e Zilberman (1988) e Silva (2006).

LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A leitura é essencial na educação infantil, pois é através dela que as crianças desenvolvem habilidades importantes, como a compreensão de texto. O historiador francês Philippe Ariès (1986) relata que era inexistente o sentimento de infância na Antiguidade, O letramento, que é o processo de aprender a ler e escrever, começa na infância e é fundamental para o sucesso escolar das crianças. Para que os pequenos se tornem leitores assíduos, é importante inserir a literatura infantil em seu cotidiano e utilizar estratégias que os ajudem a desenvolver a habilidade de compreensão de texto. Na Idade Média as crianças pequenas não tinham função social antes de trabalharem, sendo alta a taxa de mortalidade infantil. Por volta do século XVII e XVIII, com a queda do sistema feudal e com a ascensão da burguesia, começa a se formar o conceito de família nuclear e consequentemente o de "infância". É fundamental que a literatura infantil esteja presente em todas as etapas da educação infantil, uma vez que a leitura de histórias para crianças ajuda na formação de habilidades linguísticas, além de incentivar o gosto pela leitura. Através das histórias, as crianças são apresentadas a um leque de possibilidades de expressão e aprendem vocabulário novo, figuras de linguagem, sentido de humor e emoções. Para desenvolver a habilidade de compreensão de texto, é preciso que as crianças sejam estimuladas a realizar a leitura ativa e crítica. A leitu-

ra ativa é aquela em que a criança se envolve completamente com o texto, quando ela se coloca no lugar dos personagens, visualiza as cenas e reflete sobre o que está lendo. Já a leitura crítica é aquela que instiga a reflexão e a análise sobre o texto, levando a criança a questionar o que está lendo e buscar mais informações.

Até a década de 1970, a educação infantil no Brasil era restrita a cuidados e recreação, sem foco no desenvolvimento da escrita. Felizmente, houve uma mudança de mentalidade visando a redução do fracasso escolar e a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade. Em meados dos anos 80, Ana Teberosky e Emília Ferreiro, inspiradas pela Epistemologia Genética de Piaget, lançaram "Psicogênese da Língua Escrita", com uma abordagem inovadora sobre a aquisição da linguagem escrita pelas crianças.

No entanto, ainda há muito a ser feito no campo da educação infantil e desenvolvimento infantil em geral. Embora o conceito de "infância" tenha evoluído, é preciso continuar trabalhando por um futuro mais justo e equitativo para todas as crianças. Ainda assim, é importante valorizar o progresso alcançado até agora. Juntos, podemos construir um futuro melhor para as próximas gerações. Segundo Ferreiro (1999, p.29):

"[...] um sujeito que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. Não é um sujeito que espera alguém que possui o conhecimento o transmita a ele por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo e que constrói suas próprias ações sobre os objetos do mundo e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo em que organiza o seu mundo".

Desde os primeiros anos de vida, a criança já manifesta um genuíno interesse pela escrita e começa a desenvolver um conhecimento prévio sobre o assunto. É importante destacar que a alfabetização não é um processo restrito ao ambiente escolar, já que o aprendizado está diretamente relacionado à habilidade de associar conceitos e conectar informações. Por isso, é crucial valorizar a perspectiva do aluno como o principal agente do processo de alfabetização, enquanto o professor assume um papel coadjuvante em sua trajetória educacional. Ao compreender e respeitar essa perspectiva, é possível promover uma educação mais significativa, agradável e repleta de resultados concretos.

A capacidade de escrever não se resume a simplesmente decodificar símbolos e códigos; é um processo complexo que envolve a formulação de hipóteses sobre a escrita. De acordo com Ferreiro (1999), esse processo ocorre em quatro etapas: Pré-silábica, Silábica, Silábico-alfabética e Alfabética. Durante essas etapas, uma criança desenvolve sua compreensão sobre a linguagem escrita, aprendendo a relacionar letras e sons

No entanto, o método de alfabetização tradicional, que começa com o aprendizado da divisão do texto em partes (letras, sílabas, etc.), pode prejudicar o desenvolvimento das crianças. Ferreiro argumenta que o método global, que enfatiza o entendimento do texto em seu sentido social primeiro, deve ser priorizado.

Infelizmente, muitas escolas adotam cartilhas padronizadas que ignoram essas hipóteses. O resultado disso é que os alunos aprendem a decodificar os símbolos, mas sem a habilidade de usá-los para compor textos e entender seu papel na sociedade.

É essencial que as escolas considerem a teoria de Ferreiro e adotem métodos de alfabetização que permitam que as crianças desenvolvam suas habilidades de escrita e compreensão de texto de forma completa e equilibrada.

Ferreiro (1999, p. 175) reforça a magia da leitura, que transmite significados e propósitos através das marcas escritas, dotando-as de poderes especiais. Pesquisas realizadas com crianças em situação de vulnerabilidade apontam que as dificuldades escolares podem estar diretamente relacionadas à falta de contato com textos escritos. Para estimular um aprendizado efetivo, é importante que desde cedo as crianças sejam incentivadas a escrever livremente, sem a pressão de atividades repetitivas e sem o foco na memorização.

O construtivismo, contudo, sofreu algumas distorções em sua aplicação no Brasil. Os conceitos e teorias de Piaget, que deveriam estar intimamente ligados à educação escolar, muitas vezes chegaram às salas de aula com interpretações equivocadas. Termos como "ser ativo", "pensamento concreto", "respeitar o interesse infantil", "autonomia" e "gênese/genético" foram associados a práticas e conceitos inadequados na área da educação.

Segundo Kramer e Rocha (2011), só na década de 90 é que as ideias construtivistas começaram a ser incorporadas de forma mais sólida no pensamento pedagógico das instituições de Educação Infantil. No entanto, mesmo assim, essas ideias foram implementadas de maneira superficial e muitos professores ficaram sem orientação, tendo que buscar soluções por conta própria, muitas vezes mantendo velhos hábitos ou se perdendo em um emaranhado de questões.

Um dos primeiros equívocos nessa jornada foi a prática do "espontaneísmo", que encorajava a criança a aprender sozinha, sem a intervenção de um adulto. Essa postura vai

contra o conceito do "erro construtivo", que pressupõe que os erros são parte do processo de aprendizagem e que oferecem ao professor informações valiosas sobre onde a criança necessita de ajuda.

Ainda que o erro seja parte natural do processo de construção do conhecimento, não deve ser visto como o fim deste processo. É importante que se compreenda que aprender é um caminho com muitas possibilidades, e que a intervenção do professor é essencial para orientar o aluno na busca pelo aprendizado efetivo.

[...]Possivelmente, a partir de um entendimento precário do que venha a ser o chamado 'erro construtivo', é que não raro se ouve indagações do seguinte tipo: "Não se pode mais corrigir o erro da criança?" A questão, com certeza, não está em não poder corrigir, mas no modo como se dará a intervenção do professor para que a criança perceba o seu "erro" e, a partir dessa consciência, progrida no sentido de dominar melhor o seu objeto de conhecimento, seja ele a escrita, a linguagem simbólica da matemática ou qualquer outro conceito. (ROSA, 2009, p.53)

O ambiente alfabetizador adotado pelo construtivismo no início da educação brasileira trouxe importantes questões, como a descontinuidade do uso de cartilhas como método de ensino. No entanto, muitos professores ficaram sem diretrizes precisas a seguir. Para Franco (1997, p.16), qualquer fragmentação ou hierarquização do idioma é reducionista e prejudicial, e o processo de ensino deve partir dos conhecimentos prévios dos alunos, trabalhos em grupo e atividades de pesquisa, reflexão e conhecimento. Neste sentido, a concepção construtivista não é um livro de receitas, mas um conjunto articulado de princípios que permitem diagnosticar, julgar e tomar decisões fundamentais sobre o ensino (Coll, 1996, p.10)

Contudo, na prática, muitos professores ainda utilizam materiais antiquados ou portadores de escrita, que não refletem necessariamente a realidade dos alunos. Para motivá-los, é necessário conteúdo significativo que os estimule a sentir a necessidade de aprender. É importante também entender como fazer uso dos conhecimentos prévios dos alunos, considerando seus conhecimentos cotidianos como ponto de partida, mas não negligenciando as ideias científicas. É necessário levar o aluno a mudar suas ideias no sentido de aproximá-las das ideias científicas, sem desprezar seus conhecimentos cotidianos.

A psicogênese foi importante na valorização das produções escritas infantis, e os erros passaram a ser entendidos como parte de um processo construtivo. No entanto, houve uma supervalorização da produção escrita em detrimento de outras expressões e até mesmo da leitura. É necessário equilíbrio para que o ensino seja efetivo e as habilidades das crianças sejam desenvolvidas de forma completa. Em suma, a adoção do construtivismo traz importantes desafios para os professores, que devem ser superados com um conjunto articulado de princípios que visam diagnosticar, julgar e tomar decisões fundamentais sobre o ensino, valorizando os conhecimentos prévios dos alunos e trabalhando com conteúdo significativo e leitura, bem como outras expressões.

[...] Foram vistos, por exemplo, desenhos das crianças legendados pela professora, ditado de uma lista de coisas para as crianças escreverem, com a finalidade de avaliar e identificar níveis de apropriação do sistema de escrita. Sob o rótulo de propostas construtivistas, foram sendo classificadas ações pedagógicas das mais espontaneístas às mais diretivistas, porque a transposição de conhecimentos de pesquisas para o ambiente escolar acarretou e te acarretado uma não diferenciação entre metodologia de ensino e processos de aprendizagem. (KRAMER e ROCHA, 2011, p.244)

Na perspectiva interacionista, a língua é moldada pelas atividades dialógicas dos falantes, escritores e leitores, considerando as intenções ideológicas da comunidade sociocultural. É um processo interdependente que caracteriza o desenvolvimento cognitivo e psicológico do indivíduo, que é constituído pelas suas próprias atividades e interações com o outro. O desenvolvimento e a aprendizagem são integrados no processo de constituição do indivíduo, tornando inviável a visão dicotômica entre forma e conteúdo e a aprendizagem sem relação com a realidade e experiência do aluno.

O aluno precisa compreender os conteúdos que aprende, é preciso uma ligação possível entre o que ele já sabe e o que vai aprender para que o conhecimento seja apropriado e organizado. A linguagem é entendida como uma atividade social, intersubjetiva e histórica, que é construída e ampliada nas práticas sociais mediadas pela linguagem. É através dessa mediação que a criança constrói os sentidos sobre a própria linguagem e sobre si mesma. O ensino da linguagem deve começar do ponto em que o aluno já está e ir, gradativamente, ensinando o que ainda não domina.

Embora outras pesquisas tenham trazido contribuições importantes para a área de linguagem, leitura e escrita, a prática pedagógica precisa estar sempre atualizada e acompanhar os avanços teóricos da área. A reelaboração das práticas pedagógicas sem aprofundamento teórico e discussões coletivas tende a se afastar dos conhecimentos originários. Precisamos estar atentos às questões relacionadas à leitura e escrita na educação infantil, especialmente agora que as escolas estão sendo obrigadas a pensar na sua função educativa.

Em resumo, adotar a perspectiva interacionista na educação significa considerar a língua como uma atividade social e histórica e promover uma aprendizagem que leve em conta a realidade e a experiência do aluno. É necessário que os educadores estejam sempre atualizados e atentos aos avanços teóricos e às questões relacionadas à leitura e escrita na educação infantil.

LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Hoje em dia, compreendemos que a Educação Infantil é a primeira fase crucial da Educação Básica. Uma de suas principais abordagens pedagógicas é proporcionar que a criança tenha acesso e se aproprie de conhecimentos e aprendizados de distintas linguagens, renovando suas habilidades e articulando suas descobertas. Em outras palavras, a Educação Infantil é o ponto de partida para um futuro aprendizado inteligente e bem-sucedido.

[...] Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998, v.1, p.23)

De acordo com a teoria de Vygotsky (1991), a aprendizagem infantil é impulsionada através da relação com o objeto e o meio ambiente, bem como pela interação entre crianças da mesma idade. Durante essas experiências, a criança formula hipóteses sobre o mundo ao seu redor, de acordo com o seu estágio de desenvolvimento e maturação biológica. O conhecimento começa a partir do sujeito interno e, em seguida, é aplicado ao ambiente externo, com a apropriação e internalização das relações experimentadas e vivenciadas. Quando se trata da pré-história da linguagem escrita, Vygotsky (1991, p. 133) reafirma a importância da escrita para o desenvolvimento infantil e destaca que seu significado deve ser despertado de maneira intrínseca nas crianças, com a incorporação da escrita a atividades relevantes e necessárias para suas vidas. A aquisição da linguagem escrita também é uma parte crucial do desenvolvimento da linguagem oral, que é fundamental para a educação infantil. A voz dos bebês, crianças e professores cantarolando e lendo histórias contribuem para ampliar a interação social, autonomia e capacidade de expressão das crianças.

De acordo com Vygotsky (1984), a linguagem é um sinal mediador fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. A discussão em grupo e a aprendizagem social ajudam a linguagem externa a se transformar em pensamento intrapessoal. Em resumo, a relação entre o homem e o mundo é mediada pela linguagem e sistemas semióticos, tornando a abordagem de Vygotsky uma teoria crucial no desenvolvimento infantil e na educação de qualidade.

Além da função comunicativa mais direta, comunicar algo a alguém, a língua também oferece às crianças experiências onde brincar com as palavras é a função prioritariamente exercida pelo falante. [...] O vasto repertório de tradição oral brasileira são fonte inesgotável de prazer para as crianças e por isso deve ser enfocado no trabalho das instituições educativas. (SÃO PAULO, 2007, p.84).

De acordo com Lemos (1988), as crianças provenientes de meios letrados, que estão expostas à cultura escrita, envolvem-se em situações de letramento de maneira mais engajada e intensa. A participação ativa nestes eventos, desde tenra idade e seja através da leitura de livros pelos adultos, a discussão sobre notícias de jornais ou o acesso a panfletos informativos, é crucial para estabelecer uma relação com a escrita como prática discursiva e objeto. Como prática discursiva, a escrita é capaz de despertar emoções, transportar a criança para mundos imaginários, informar, comunicar, instruir e ajudar em uma grande variedade de situações - é um elemento fundamental nas interações diárias. Como objeto, a escrita apresenta-se com diversas formas de grafia e está presente nos suportes familiares que circulam pelo espaço em que a criança vive. Para elas, a linguagem escrita é uma parte essencial da comunicação verbal cotidiana.

Ao ingressar na educação infantil, muitas atividades de leitura e escrita já fazem parte do dia a dia das crianças. No entanto, nem todas têm igual acesso a essas práticas, e as diferenças começam a se impor logo cedo. O letramento é um processo contínuo que inicia nas primeiras interações das crianças com a cultura letrada e se estende por toda a vida, perpassando as esferas sociais onde os indivíduos circulam e suas necessidades comunicativas. Desde cedo, os pequenos percebem que as marcas impressas são formas de registrar, dizer e simbolizar o que vivem, bem como enunciados que abrem espaços dialógicos para trocas entre sujeitos.

Para que a linguagem escrita se torne uma ferramenta simbólica, capaz de se organizar e se organizar dentro de padrões e convenções, é preciso que haja apropriação por parte do sujeito. Essa assimilação é um processo contínuo, que se amplia progressivamente com a escolarização. Segundo Soares (1998), alfabetização é o processo de ensinar/aprender a ler e escrever, enquanto o letramento se refere à condição daqueles que não apenas sabem ler e escrever, mas também cultivam práticas sociais de escrita. Alfabetização estaria relacionada à compre-

ensão e assimilação do alfabeto e das regras e convenções da escrita, enquanto letramento refere-se às práticas sociais envolvendo a escrita. Ambos são processos inseparáveis, e a alfabetização está inserida no processo de letramento.

Já na educação infantil começa o processo de "letramento" que precede a alfabetização. Não se trata de prontidão, mas de levar o aluno a compreender a importância social da leitura e da escrita. É necessário que os professores estejam cientes de que esse é um processo constante e contínuo, que se estende por toda a trajetória escolar. Afinal, as diferenças e desigualdades começam a se impor logo cedo, e é preciso trabalhar desde cedo para minimizá-las.

A tão famosa 'maturidade para a leitura e escrita' depende muito mais das ocasiões sociais de estar em contato com a linguagem escrita do que de qualquer outro fator que se invoque. Não tem sentido deixar a criança à margem da linguagem escrita 'esperando que amadureça [...] Sabemos que não basta colocar a criança em contato com o objeto do conhecimento. Ler é um processo que implica o uso constante de análise e síntese, mas para que a leitura seja significativa esse uso tem que ser construído pelo leitor. (FERREIRO, 1985, p. 44)

Na Educação Infantil, não se trata apenas de preparar os pequenos para a alfabetização. É fundamental que eles tenham contato com a linguagem escrita, compreendendo a sua importância no âmbito social e as distinções em relação à comunicação oral. Esse aprendizado não ocorre de maneira espontânea e cabe ao educador mediar e planejar atividades que estimulem a interação das crianças com os livros. Em suma, é uma prática que exige a profissionalização do ensino.

A educação infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado, pelas crianças. (BRASIL, 1998, p. 117)

É bastante comum avistarmos criancinhas com um livro em mãos, recitando página por página de memória. Observe-se que elas utilizam certas ferramentas linguísticas próprias da língua escrita, evidenciando um grau de letramento existente, apesar da não alfabetização. O contrário também ocorre, em casos de indivíduos alfabetizados, mas com um nível de letramento limitado. É importante destacar que, sem a alfabetização, a capacidade de letramento do indivíduo fica prejudicada. A separação rígida dos conceitos de alfabetização e letramento, portanto, acaba reduzindo ambos os termos

Alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita é sem dúvida o caminho para superação dos problemas que vimos enfrentando nesta etapa da escolarização; descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando no reiterado fracasso da escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo ao mundo da escrita. (SOARES, 2004, p.12)

De acordo com Smith (1999), a leitura é uma atividade que envolve a criatividade do aprendiz. Ela é caracterizada por ser objetiva, seletiva, antecipatória e dependente da compreensão. A leitura é objetiva porque é realizada para atender a uma necessidade específica: seja para obter informações, esclarecer dúvidas, estar ciente dos principais eventos sociais e políticos, conhecer o fim de uma novela ou simplesmente localizar um item na seção do supermercado. A seletividade é fundamental, uma vez que as pessoas prestam atenção somente aos aspectos relevantes para alcançar seus objetivos. A leitura é antecipatória, pois é guiada por suas expectativas. A compreensão é a base da leitura e não sua consequência. Isso significa que uma compreensão efetiva pode melhorar a capacidade de prever, reduzir a ambiguidade e eliminar alternativas irrelevantes. Portanto, é preciso incentivar as crianças a fazer previsões, comparar, apreciar e se aventurar, pois elas estão sempre prontas para aprender. Para que a criança aprenda a ler, ela precisa distinguir entre a fala e a escrita. É por isso que adultos devem ler e disponibilizar uma variedade de textos que circulam no dia a dia das crianças, para que elas possam entender seu sentido social de forma progressiva. Nesse contexto, o professor de educação infantil deve ser um mediador, planejando e incentivando o contato com os livros, considerando sempre a faixa etária dos alunos e o espaço e tempo dedicados à leitura.

Como destaca Zilberman (1981, p.28), o professor é responsável por desencadear as múltiplas interpretações que cada obra literária sugere, enfatizando várias interpretações pessoais.

Segundo Smith (1999), é vital que a criança compreenda a discrepância entre fala e escrita, a fim de dominar os rudimentos da leitura. Para tal, é essencial que os adultos proporcionem uma ampla diversidade de textos que reflitam a realidade cotidiana, permitindo que elas apreendam gradualmente seu sentido social. Conforme salienta Zilberman (1981, p. 28), cabe ao professor desencadear múltiplas visões que cada criação literária possa sugerir, enfatizando as diversas interpretações pessoais.

Praticar a leitura diariamente proporcionará ao professor subsídios para uma avaliação do processo educativo e alicerçará o planejamento futuro de atividades. Entretanto, é crucial enfatizar que essa avaliação

deve visar o desenvolvimento da criança e não pode ser utilizada como uma medição ou comparação entre elas. Em concordância, o Referencial Curricular para a Educação Infantil nos alerta sobre essa abordagem profissional. É fundamental que o professor da educação infantil esteja atento à qualidade do material gráfico que será utilizado em sala de aula. Afinal, como as crianças podem antecipar significados a partir de imagens infantis e empobrecidas que não acrescentam nada a seu aprendizado e, muitas vezes, reforçam preconceitos e estereótipos? (SÃO PAULO, 2007, p. 89). Portanto, é crucial que sejam selecionados textos que permitam às crianças terem uma primeira leitura que ultrapasse o intendido central proposto pelo professor. As ilustrações presentes nos livros infantis devem ser usadas para estimular a curiosidade e fomentar o hábito da leitura nos pequenos. Abreu (2010) destaca as considerações fundamentais a respeito das ilustrações nos livros infantis, seu surgimento ocorreu a partir dos contos de fadas de Perrault no ano de 1967. Inicialmente, as imagens tinham como única finalidade ilustrar a história, sem muita intervenção criativa por parte do ilustrador, e ainda não eram devidamente identificados. Hoje, sua principal tarefa é a de complementar o conteúdo do texto, podendo substituir, ampliar, adicionar informações, bem como criar possibilidades infinitas de leitura dedicada ao texto verbal.

O livro infantil com ilustração é um grande aliado da aprendizagem. Pois ele apresenta possibilidades de leitura que transcendem a decodificação do texto escrito. O professor deve compreender que o contato com o livro infantil, com suas histórias, ilustrações, recursos táteis e visuais, permite que a criança vivencie sempre uma nova e importante experiência, proporcionando a elaboração e verbalização também de suas próprias histórias e experiências. (ABREU, 2010, p.333).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adentrar ao universo da leitura ainda sem a maestria da habilidade em si, a criança da Educação Infantil desenvolve sua capacidade de interpretar sinais gráficos, relacionar imagens e textos, antecipar sentidos, observar a organização textual, além de uma infinidade de combinações possíveis com palavras e letras. Essa experiência, somada às narrativas dramatizadas, desenhos e ilustrações, a leva a se arriscar a escrever de maneira espontânea. É fundamental que essa liberdade em relação à leitura e escrita seja resguardada, sem práticas mecânicas ou desprovidas de sentido. Para tanto, faz-se necessário desenhar propostas que empoderem as crianças como agentes da cultura, capazes de deixar marcas dos acontecimentos, pensamentos e imaginações. Esse despertar para a escrita tem o poder de romper com o mito de que crianças carentes economicamente enfrentam dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita. A única diferença que pode se apresentar entre elas é a falta de flexibilidade no manuseio dos instrumentos de escrita, bem como a falta de experiências acerca do comportamento leitor. Cabe à instituição escolar assumir a responsabilidade de oferecer suporte para que todos possam se apropriar dos diversos portadores de texto. No processo de desenvolvimento da capacidade leitora e escritora, o professor atua intervindo junto aos conhecimentos prévios da criança, proporcionando-lhe estratégias que viabilizem a compreensão do mundo letrado.

REFERÊNCIAS

ABREU, A.A.B. Revelações que a escrita não faz: a ilustração do livro infantil. Vol. 1, nº 7, Ano VII. Marília: FFC/UNESP, 2010.

AGUIAR, V. T. A literatura infantil no compasso da sociedade brasileira. In: ZILLES, U. (Org.). Gratidão de Ser. Porto Alegre: PUCRS, 1994.

ARIÈS, P. História social da infância e da família. Trad. Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARONE, L. M. C. Apontamentos para a construção do sujeito leitor. Constr. psicopedag. vol.15, n.12, pp. 27-37, 2007.

BERNARDI, F. As Bases da Literatura Brasileira: Histórias, Autores, Textos e Testes. Porto Alegre: Ed. Age, 1999.

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. 16 ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, v. 1, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, v. 2, 1998.

BRASIL. MEC. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica: Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações. Literatura: ensino fundamental / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca, 204 p. Coleção Explorando o Ensino; v. 20, 2010.

COELHO, N.N. Panorama histórico da literatura infanto/juvenil. 3ª ed. São Paulo; Quiron, 1985.

COLL (org). O construtivismo na sala de aula. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1996

COSTA, M.M. Metodologia do ensino da literatura infantil. Curitiba: Ibpex, 2007.

FERREIRO, E. Deve-se ou não ensinar a ler e escrever na pré- escola? Revista Escola Municipal, SME. São Paulo, ano 18, nº 13, 1985 pág. 44.

FERREIRO E; TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FRANCO, A; ALVES, A. C. S; ANDRADE, R. C. Construtivismo uma Ajuda ao Professor; 4ª Edição, 1997.

KRAMER, S. e ROCHA, E.A.C. Educação Infantil: enfoques em diálogo. Campinas: Papirus, 2011.

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. Literatura infantil brasileira: história e histórias. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

LEMOS C.T.G. A concepção da escrita pela criança. Campinas: Pontes, 1988.

LERNER, D. Ler e escrever na escola - o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Editora Artmed; 2002.

MORTATTI. Leitura Crítica da Literatura Infantil, 1 Itinerários, Araraquara, 17: 179-187 2001.

ROSA, S. S. Construtivismo e mudança. 8 ª ed. São Paulo: Cortez, 2002

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Orientações curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para Educação Infantil / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2007.

SILVA, M. Poesia infantil contemporânea: dimensão lingüística e imaginário infantil. Imaginário, São Paulo, v. 12, n. 13, 2006

SILVA, A.L Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade: Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM, Marília: v. 2 - n. 2 - jul/dez – 2009.

SMITH, F. Leitura significativa. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. Alfabetização e Letramento, Caminhos e Descaminhos. .Pátio, 29, p. 19-22, 2004.

VYGOTSKY, L. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZILBERMAN, R. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 1981.